

HISTÓRIA DA ARTE OCIDENTAL

UM AUTOR UMA OBRA

José Manuel Russo [2021-22]

02

O ANTIGO EGÍPTO

Grande Templo de Ramsés II, Abu Simbel, ca. 1244 a.C.

BIBLIOGRAFIA

- AA.AA.** — *IL MUSEO EGIZIO, TORINO*, Federico Garolla Editore, Milano, 1987
- ARAÚJO, Luís Manuel de** — *ARTE EGÍPCIA*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2006
- ARAÚJO, Luís Manuel de** — *O SARCÓFAGO EGÍPCIO DO MUSEU DE FARMÁCIA*, in CADMO n.º 15, Instituto Oriental da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005
- GOMBRICH, E. H.** — *THE STORY OF ART*, Phaidon Press, Oxford, 1972
- HAUSER, Arnold** — *HISTÓRIA SOCIAL DA ARTE E DA CULTURA 1*, Estante Editora, Aveiro, 1989
- HUYGHE, René (ed.)** — *ART AND MANKIND (VOL. 1)*, Hamlyn, London, 1962
- JANSEN, H. W.** — *HISTÓRIA DA ARTE*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972
- LISE, Giorgio** — *COMO RECONOCER EL ARTE EGÍPCIO*, Edit. Médica y Técnica, Barcelona, 1980
- NÉRET, Gilles** — *DESCRIPTION DE L'EGYPTE, PUBLIÉ PAR LES ORDRES DE NAPOLEÓN BONAPARTE*, Benedikt Taschen, Köln, 1994
- READ, Herbert** — *O SIGNIFICADO DA ARTE*, Editora Ulisseia, Lisboa, 1968
- STIERLIN, Henri** — *LES PHARAONS BATISSEURS*, Éditions Pierre Terail, Paris, 1992

ÍNDICE

PALETA DE NARMER , 3.200 – 3.000 A.C. I DINASTIA	01
PIRÂMIDE DE KHUFU , 2.580 – 2.560 A.C. IV DINASTIA	02
ESCRIBA SENTADO , 2.613 – 2.589 A.C. IV DINASTIA	03
TEMPLO DE MENTUHOTEP II , 2.060 – 2.010 A.C. XI DINASTIA	04
TEMPLO DE AMON-RÁ , CA. 2.000 – 317 A.C. XVIII-XIX DINASTIA	05
TÚMULO DE NEBAMON , CA. 1.350 A.C. XVIII DINASTIA	06
AKHENATON E A SUA FAMÍLIA , CA. 1.360 A.C. XVIII DINASTIA	07
RAMESSEUM , CA. 1.250 A.C. XIX DINASTIA	08
SARCÓFAGO DE GAUT-SESHENS , CA. 750 – 600 A.C. XXV-XXVI DINASTIA	09
TEMPLO DE EDFU , 237 – 57 A.C. DINASTIA PTOLOMAICA	10



Pirâmide e Templo de Zoser



Rahotep e Nofret



Mapa do Antigo Egípto

O **Antigo Egípto** compreende o estudo dos povos que se instalaram ao longo do rio Nilo, da segunda catarata ao seu delta, que constituíram a civilização egípcia desde o surgimento da escrita até ao domínio Romano. A sua História ficou dividida em diversos Períodos constituídos por Dinastias, interrompidos por invasões estrangeiras, os Períodos Intermediários. A sua Arte abrange a arquitectura, a escultura, a pintura e as artes menores.

A civilização egípcia ficou marcada por uma profunda religiosidade, uma crença panteísta, tendo Amon, Rá ou Amon-Rá como o Deus dos deuses, e outros importantes deuses – Osíris, Hórus, Anubis, Hathor, Seth, etc. – a quem dedicaram inúmeros templos.

Os reis egípcios, o **Faraó**, têm estatuto de Deus na terra e acreditam na vida após a morte, pelo que os túmulos – **Mastabas**, **Pirâmides** ou **Hipogeus** – dominaram a arquitectura. As suas câmaras túmulares continham tudo o que era necessário para assegurar a continuidade da sua vida, da rainha e de altos dignatários, assim como eram decoradas com pinturas descritivas do quotidiano, acontecimentos ou divindades, o que em muito contribuiu para se conhecer melhor a cultura egípcia e respectiva datação (que mesmo com a datação por C14 os historiadores nem sempre chegam a um consenso).

A História do Antigo Egípto fica marcada pelo surgimento de uma Escrita ideográfica – os Hieróglifos – que pelas suas características gráficas, no caso da pintura e dos altos-relevos, se integra na estética da composição.

A Arte obedeceu a regras muito estritas, sobretudo na representação da família real, dando origem aos primeiros **cânones**, regras, da arte ocidental.

Cronologia

• Época Pré-Dinástica	4.500 – 3.000 a.C.
• Época Tinita	– Dinastias I-II - Capital Menfis; 3.000 – 2.660 a.C.
• Império Antigo	– Dinastias III-VI - Capital Menfis; 2.660 – 2.180 a.C.
• 1º Per. Intermed.	– Dinastias VII-XI 2.180 – 2.040 a.C.
• Império Médio	– Dinastias XI-XII - Capital Tebas; 2.040 – 1.780 a.C.
• 2º Per. Intermed.	– Dinastias XIII-XVII 1.780 – 1.550 a.C.
• Império Novo	– Dinastias XVIII-XX - Capital Tebas / Tell el-Amarna; 1.550 – 1.070 a.C.
• 3º Per. Intermed.	– Dinastias XXI-XXV 1.070 – 664 a.C.
• Período Tardio	– Dinastias XXVI-XXX - Capital Tanis / Bubásis; 664 – 332 a.C.
• Período Grego	– Dinastia Macedónica e Ptolomaica. 332 – 30 a.C.



[1]



[2]



[1A]

Cronologia

3200 a.C. — I Dinastia, fundada por *Menes* ou *Narmer*;
 3100 a.C. — 3050 a.C. — Reinado de *Narmer* (ca. 3273 – 2987 a.C.);
 2926 a.C. — Fim da I Dinastia com *Qa'a*.

Narmer é considerado o rei que concretizou a unificação do Egípto, mas é a Menes que é atribuído o início da I Dinastia. No entanto, alguns estudiosos pensam que Menes (Hor-Aha) sucedeu a Narmer, enquanto outros afirmam que se trata da mesma personalidade. Estudos com C14 apontam para a existência de Narmer entre cerca de 3273 e 2987 a.C.

«Paleta de Narmer»

Descoberta em 1897-98 pelos arqueólogos britânicos James E. Quibell e Frederick W. Green, no Templo de Hórus, em Nekhen (Hierakonpolis, em grego), a **Paleta de Narmer** representa a vitória do faraó nas guerras que levaram à unificação do Alto com o Baixo Egípto, fundando-se assim o Império Egípcio.

A placa esculpida em rocha sedimentar, *siltito* cinza-esverdeado escuro, em forma de escudo, apresenta altos-relevos em ambos os lados com a inscrição, no topo ao centro, de um *Serekh* (moldura rectangular) [1A] com o nome de **Narmer** [n'r mr] em escrita hieroglífica, ladeado de duas cabeças de bovino que representam a deusa *Bat*.

As ações descritas são-no de uma forma simbólica e convencional:

No anverso [1] o Faraó é representado com a touca branca do sul, a cauda de leão e o cinto com quatro franjas de contas com cabeça de Hator, atrás de si o portador das sandálias, à frente o inimigo aprisionado encimado por flores de papiro e Horus, por baixo homens a correr ou mortos; No verso [2] usa a coroa vermelha do norte e um flagelo, à frente um desfile de porta-estandartes e dez corpos decapitados, abaixo dois *Sepopardos* em luta e por baixo um touro derrubando as muralhas da cidade enquanto espezinha o inimigo caído.

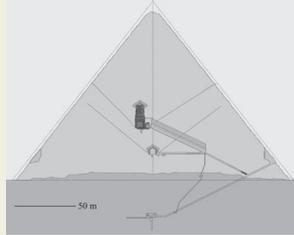
A representação da figura humana cumpre já as convenções que permaneceram inalteráveis até à conquista do Egípto por Alexandre, o Grande — a cabeça de perfil, o tronco de frente e as pernas de perfil, esticadas em pose de andamento. As proporções são igualmente convencionais, baseadas na dimensão do punho — 18 punhos do chão até à linha do cabelo. O faraó tem dimensões maiores do que os seus súbditos (assim como a rainha), que são mais livremente retratados.



[1]



[1A]



[2]



[3]

Cronologia

2613 a.C. – **IV Dinastia**, fundada por *Seneferu*;

2589 a.C. – 2566 a.C. – Reinado de *Khnum Khufu* (Quéops, em grego), filho de Seneferu;

2566 a.C. – 2558 a.C. – Reinado de *Djedefre* (Ratoises, em grego), filho de Khufu;

2558 a.C. – 2532 a.C. – Reinado de *Khafre* (Quéfren, em grego), filho de Khufu;

2532 a.C. – 2503 a.C. – Reinado de *Menkaure* (Miquerinos, em grego), filho de Khafre.

A preocupação com a “vida” após a morte levou as dinastias egípcias à construção de túmulos em pedra, que evoluíram da simples **mastaba** (que significa banco) aos **hipogeus** escavados na rocha, passando pela **pirâmide de degraus** e a **pirâmide**. Ficam para a História a mastaba de Mereruka, a pirâmide de degraus de Zoser, a pirâmide (curvada) de Seneferu e as pirâmides de Gizé [3].

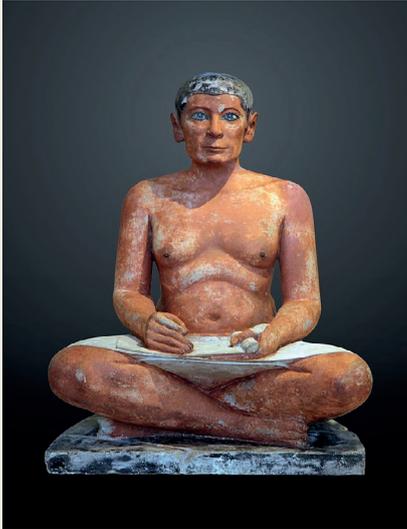
«Grande Pirâmide de Gizé ou Pirâmide de Quéops»

Situada na necrópole de Gizé, no Baixo Egípto, a poucos quilômetros do rio Nilo, na antiga Menfis, constitui, com a Pirâmide de Khafre e a Pirâmide de Menkaure, as **Pirâmides de Gizé** [3], túmulos cuja construção obedeceram a padrões astronômicos e matemáticos, conforme demonstram inúmeros estudos — orientação dos lados segundo os pontos cardeais, N-S|E-O, o seu alinhamento uma representação da constelação *Orion*, proporções exactas, etc. Eram revestidas por lajes polidas de calcário branco assentes com grande precisão, que foram desaparecendo com o tempo por razões naturais e humanas, como a sua utilização para construções novas.

A **Pirâmide de Khufu** [1] é a maior das três, e a mais alta estrutura até à construção da catedral de Lincoln em 1311. Insere-se num complexo que inclui, entre outros, três pequenas pirâmides de rainhas e quatro fossos de *barcas solares*, tendo a barca de Khufu sido restaurada e colocada num museu ao lado da pirâmide. As suas dimensões de 148,7 x 230,6 x 230,6 m correspondem a 280 x 440 x 440 côvados reais (medida egípcia equivalente a cerca de 50 cm). A inclinação de 51° 50' 40" das faces está relacionada com a proporção da altura e o perímetro da base igual a 2π .

A pirâmide apresenta um esquema de túneis e câmaras [2] para ludibriar a sua violação:

Entrada (face norte, a 17 m da base) — Passagem descendente → Câmara subterrânea; Passagem ascendente → **Câmara da rainha** (no eixo da pirâmide) → Grande galeria → **Câmara do faraó** (aproximadamente no centro da pirâmide). Das câmaras saiem fendas de arejamento (?), havendo uma outra correspondente ao eixo da construção.



Cronologia

- 2613 a.C. – **IV Dinastia**, fundada por *Seneferu*;
 2550 a.C. – **Escriba sentado**, escriba;
 2520 a.C. – **Anão Seneb e sua família**, oficial da corte;
 2500 a.C. – **Kaaper** (xeque el-Beled), escriba e sacerdote;
 2494 a.C. – Fim da IV Dinastia com *Shepseskaf*.

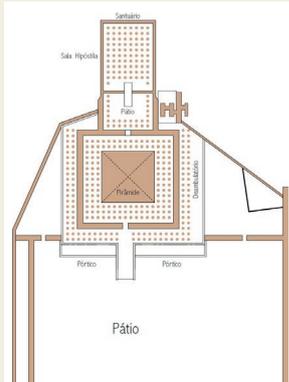
A representação do Faraó e da Rainha dominam a escultura de vulto, mas também se encontraram figuras de menor estatuto como oficiais, sacerdotes ou escribas. São exemplo disso a estátua do **Escriba sentado** e de **Kaaper** (conhecido como xeque el-Beled), encontradas em Saqqarah, e do **Anão Seneb e sua família**, encontradas em Gizé.

O *Escriba* reveste-se de particular importância pois dado o seu conhecimento da escrita está-lhe reservado o cargo de registar em papiro todas as transações de bens e monetárias do Império bem como o de escrever a própria História. Nos túmulos, acredita-se que seria a ponte de comunicação do faraó com as divindades.

«Escriba sentado»

Este **Escriba sentado** foi descoberto em 1850 por Auguste Mariette em Saqqara. Não havendo referências à sua identidade, a sua datação aponta para **Pehernefer**, alto oficial ao serviço dos faraós Huni e Sneferu. Vestido com um *kilt* branco, segura um rolo de papiro parcialmente enrolado sobre as pernas cruzadas, postura normal de trabalho, a mão direita encontra-se em posição de escrita, segurando um cálam, desaparecido com o tempo.

Em contraste com a austeridade e convencionalismo dos faraós, na representação do escriba denota-se um grande realismo e naturalidade. Os olhos são incrustados detalhadamente com pedaços de cristal de rocha polida, cuja parte de trás é revestida com material orgânico que dá a cor azul à íris, embutidos em magnesite branca de veio vermelho, o que imprime grande impacto ao seu olhar, como quem olha e ouve alguém atentamente. Também as mãos, os dedos e as unhas são modeladas com grande precisão. Já o corpo é menos detalhado e com uma postura mais rígida do que o rosto, mas com pormenores de anatomia – uma certa obesidade, a subtil musculatura, as clavículas, a canela das pernas, mas os dedos dos pés estão reduzidos a três. A prática comum de pintura sobre o calcário finaliza o acabamento realista da escultura.



Cronologia

2143 a.C. – **XI Dinastia**, fundada por *Mentuhotep I*, durante o 1º Período Intermediário;
2060 a.C. – 2010 a.C. – Reinado de *Mentuhotep II*, no Império Médio;
1991 a.C. – Fim da XI Dinastia com *Mentuhotep IV*.

Mentuhotep II iniciou o Império Médio com a reunificação do Egito cerca de 2040 a.C., que governou vinte anos depois, após a morte do seu pai, Antef III. Com a capital em Tebas, o então vale de Deir el-Bahari converteu-se numa importante necrópole da época.

«Templo funerário de Mentuhotep II»

Adossado a uma abrupta encosta o **Templo de Mentuhotep II**, que alberga igualmente o seu túmulo, foi explorado em 1859 por Lord Dufferin e os assistentes Lorange e Cyril C. Graham, a partir da Sala Hipóstila. Dedicado a Osiris, deus da agricultura e senhor dos mortos, o templo apresenta o inovador traçado em patamares, vindo a inspirar o Templo de Hatshepsut da 18ª dinastia.

- **Via Processional**, via de 1,2 km e 45 m de largura, ladeado por 22 estátuas sentadas de Mentuhotep II, liga o *Templo do vale* junto ao rio Nilo ao *Portal de entrada*;
- **Pátio**, orientado para leste, possui uma passagem subterrânea, **Bab el-Hosan** (Porta do Cavaleiro), de acesso a um túmulo inacabado ou *Cenotáfio* com uma estátua sentada do rei, dois **Pórticos** de colunas de secção quadrada e a **Rampa** de acesso à plataforma elevada, que seria ladeada por *Ficus sycomorus* e *Tamarix*;
- **Terraço**, pódio de 5 m de altura e 60 x 43 m circundado por um **Deambulatório**;
- **Vestíbulo superior**, de planta quadrada, é um deambulatório de tripla colunata octogonal ao centro do terraço, envolvido por uma parede com 5 côvados de espessura;
- **Pirâmide**, construção ao centro do Terraço, segundo proposta de Édouard Naville;
- **Pátio**, situado atrás do Terraço, apresenta colunatas decoradas com relevos de procissões de barco, caçadas e cenas com feitos militares do rei e uma rampa de acesso ao Santuário;
- **Túmulo**, acedido por uma passagem subterrânea com origem no pátio superior;
- **Sala Hipóstila**, compartimento preenchido por uma “floresta” de colunas;
- **Santuário**, estrutura escavada na rocha de paredes decoradas com representações pintadas em relevo do faraó e dos deuses, alberga a estátua colossal dedicada a Mentuhotep;
- **Capelas mortuárias** e **Túmulos** de poço construídos para as esposas e filhas do Faraó.



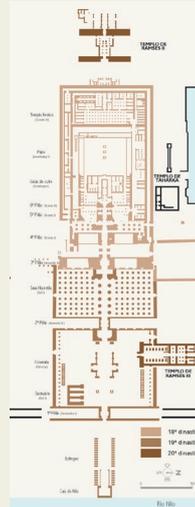
[1]



[1A]



[1B]



[2]



[1C]

Cronologia

- 1500 a.C. – **XVIII Dinastia**, fundada por **Ahmose I**;
- 1524 a.C. – 1503 a.C. – Reinado de **Amenhotep I** (Amenófis I), filho de Ahmose I;
- 1479 a.C. – 1425 a.C. – Reinado de **Tutmés III**, filho de Hatshepsut;
- 1292 a.C. – **XIX Dinastia**, fundada por **Ramsés I**;
- 1290 a.C. – 1279 a.C. – Reinado de **Seti I**, filho de Ramsés I;
- 1279 a.C. – 1213 a.C. – Reinado de **Ramsés II**, filho de Seti I.

O complexo de Karnak começou a ser edificado em Luxor cerca de 2.200 a.C. por **Senusret I** e prolongou-se até às últimas dinastias. O Recinto de Amon-Rá [1] é o que mais se destaca pela sua complexidade e grandiosidade. Quando **Ahmose I** instaurou o culto a Amon-Rá, o **Templo** adquire importância relativamente ao Túmulo e obedece a uma simbologia – **Obelisco** (a Criação), **2 Estátuas sentadas** do Rei, **2 Pilões** (as montanhas, entre as quais se ergue o Sol), **Pátio**, **Sala Hipóstila** (os Pântanos) e **Naos** ou santuário.

«Templo de Amon-Rá»

O **Templo de Amon-Ra** [1] desenvolveu-se durante a XVIII Dinastia segundo duas orientação: E-O, a principal, e N-S. Das sucessivas intervenções [2], destacam-se de oeste para este:

- **Templo Festivo** [1A] (Tutmés III) – para as Festas do Jubileu (Heb-Sed) e do Festival de Opet;
- **Pátio** (Amenhotep I)
- **Salas de Culto** (Hatshepsut) e **Santuário** (Tutmés III) – local de culto que seria modificado no séc. IV a.C. pelo rei da Macedónia, Filipe III Arrideus;
- **6º Pilão** (Tutmés III) – conduz à Sala dos Registos dos tributos dos reis do Egípto;
- **5º e 4º Pilão** (Tutmés I) / **3º Pilão** (Amenhotep III) – construído sobre templos anteriores; relevos restaurados e adicionados por Tutancamon;
- **Sala Hipóstila** [1B] (Seti I) – 134 colunas papiroiformes, sendo as 10 centrais maiores, foi concluída por Ramsés II; baixos-relevos com cenas de batalha de Seti I (norte) e Ramsés II (sul);
- **2º Pilão** (Amenhotep IV)
- **Pátio** (Tutmés III) – com o Santuário de Seti I, Templo de Ramsés III e a Colunata de Taharqa;
- **1º Pilão** (Nectarebo I) – com 115m de comprimento, a sua construção não foi concluída;
- **Avenida de Esfinges** [1C] – próxima do rio Nilo, iniciava-se no 2º Pilão.



Cronologia

- 1500 a.C. – XVIII Dinastia, fundada por *Ahmosé I*;
 1397 a.C. – 1388 a.C. – Reinado de *Tutmés IV*, filho de Amenhotep II;
 1388 a.C. – 1351 a.C. – Reinado de *Amenhotep III* (Amenófis III), filho de Tutmés IV;
 1292 a.C. – Fim da XVIII Dinastia com *Horemheb*.

Certos elementos da corte faraônica tinham direito a exéquias fúnebres, havendo espaços secundários para si reservados nos túmulos dos reis que serviam. No entanto, no Império Novo e no Período Tardio, alguns Oficiais adquiriram uma capacidade econômica que lhes permitia edificar os seus próprios túmulos decorados luxuosamente com inscrições em baixo-relevo ou pintadas, seja nas suas paredes, seja nos sarcófagos, como é o caso do túmulo de *Nebamon*, oficial e escriba durante os reinados de Tutmés IV e Amenófis III, cerca dos anos 1350 a.C.

«Túmulo de Nebamon»

O **Túmulo de Nebamon**, descoberto na necrópole de Sheikh Abd El Qurna perto de Tebas, evidencia a considerável importância que teve na sociedade egípcia – paredes revestidas a estuque, na época feito de cal, pumicite (cinzas vulcânicas) e pó de mármore, pintadas a têmpera. As representações naturalistas, que contrastam com o convencionalismo da representação da família real e particularmente do faraó, descrevem num estilo espontâneo e de grande qualidade diversas cenas da vida quotidiana do dignatário:

- **Caça aos patos** [1] – cena idílica em que Nebamon [2] navega no rio num barco de papiro, acompanhado de sua mulher e filha, rodeados de plantas de papiro em flor durante uma caça aos patos. Na mão segura três garças de chamamento e um bastão em forma de serpente. Na sua frente, um gato participa na caça;
- **Banquete** [3] e **Músicos e dançarinas** [4] – cenas da vida mundana com detalhes de sensualidade e feminilidade no tratamento das vestes e dos adornos;
- **Jardim com lago** [5] – importante lugar doméstico, símbolo da vida;
- **Nebamon vigia a produção** [2 pormenor], **Contagem de bovinos** [6] e **Contagem de gansos** – cenas representativas das funções de Nebamon como contador do reino;
- **Oferendas funerárias** – cena de oferendas dominada sobretudo por ânforas, cestos e taças contendo alimentos para a vida eterna.



Altes Museum, 2006 © j.m.russo

[1]



[2]



[1A]



[3]

Cronologia

1550 a.C. – **XVIII Dinastia**, fundada por *Ahmose I*;
1352 a.C. – 1357 a.C. – Reinado de *Amenhotep IV* (Amenófis IV), filho de Amenhotep III;
1357 a.C. – 1334 a.C. – Reinado como *Akhenaton*;
1332 a.C. – 1330 a.C. – Reinado como *Tutancaton* e fim do período Amarnita;
1292 a.C. – Fim da XVIII Dinastia com *Horemheb*.

O reinado de *Amenhotep IV* foi uma exceção na História do Antigo Egito quando instaura o monoteísmo do deus Aton, que traz a energia para a Terra, representado pelo Disco Solar. Altera o seu nome para *Akhenaton* e funda em 1346 a.C. a capital Amarna (actual Tell el-Amarna), pelo que se denominou de **Período Amarnita** os anos em que predominou esta religião.

Os Templos eram abertos e Aton não era representado fisicamente.

«Akhenaton e a sua Família»

Akhenaton e a sua Família [1] é uma estela descoberta por Ludwig Borchardt que representa a família real em Amarna – *Akhenaton* [1A], à esquerda, beijando sua filha *Meritaton*, e *Neferneferuaten Nefertiti*, à direita, com suas duas outras filhas ao colo, *Meketaten* e *Ankhesenpaaten* – e, entre eles, o deus-sol Aton, simbolizado pelo disco solar e irradiações de energia que terminam em mãos segurando um *Ankh* [2], símbolo da vida.

Estas estelas eram colocadas em altares de capelas ou de casas particulares para o culto da família real e do deus-sol Aton (no Museu Egípcio do Cairo existe uma estela semelhante).

Neste período também se observou uma profunda alteração de estilo, quebrando com as convenções dominantes da Arte do Egito Antigo, que foram posteriormente retomadas.

No baixo-relevo imperou a técnica de afundamento introduzida no Império Médio. O realismo está presente nas representações amarnitas – sem dúvida que se sente um autêntico e carinhoso ambiente familiar em vez da rigidez convencional do ambiente da corte.

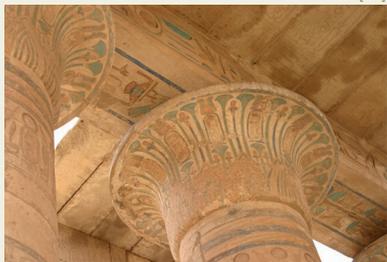
Também no tratamento anatómico o realismo chega, por vezes, ao exagero e roça o caricatural. No fragmento com o **Retrato de Akhenaton** [3] o crânio, as maçãs do rosto e os lábios são proeminentes, o que se pensa indicar origens núbias do faraó, bem como na **Estátua de Akhenaton**, em que também o ventre e os membros são representados de forma exagerada, conferindo-lhe uma fisionomia andrógina.



[1A]



[1C]



[1B]



B. Museum, 2019 © j.m.russo [2]

Cronologia

- 1292 a.C. – **XIX Dinastia**, fundada por *Ramsés I*;
- 1290 a.C. – 1279 a.C. – Reinado de *Seti I*, filho de Ramsés I;
- 1279 a.C. – 1213 a.C. – Reinado de *Ramsés II*, filho de Seti I;
- 1244 a.C. – **Grande Templo** e **Pequeno Templo** em Abu Simbel;
- 1189 a.C. – Fim da XIX Dinastia com a rainha *Tuosseret*.

Com o reinado de *Ramsés II* o Egípto assistiu a um período áureo, não só devido à expansão territorial, para leste e para ocidente, mas também pela sua longevidade. Culturalmente o faraó deixou o seu nome em várias obras por si mandadas construir – Ramesseum, templos de Ramsés II e de Nefertari, e de Beit el-Wali em Abu Simbel, estátuas colossais – bem como outros já edificados. O seu corpo foi encontrado no Vale dos Reis numa câmara para a qual foi trasladado.

«Ramesseum»

Localizado na necrópole de Tebas, o templo memorial de Ramsés II foi nomeado **Ramesseum** [1] por *Jean-François Champollion*, que identificou os hieróglifos inscritos nas suas paredes.

Com a orientação de noroeste para sudeste, o templo era composto de dois Píloes, dois Pátios, de Sala Hipóstila e do Santuário [1].

Lamentavelmente muito degradado, em parte devido às inundações do rio Nilo, actualmente é o segundo pátio e a Sala Hipóstila que se destacam do conjunto edificado, com os pórticos ladeados de quatro estátuas de Osiris [1A] e os vestígios de duas estátuas colossais de Ramsés, uma em granito escuro e outra em granito rosa. A cabeça em granito rosa [2] está exposta no British Museum – conhecida como **Jovem Memnon**, usa o *Nemés* ou *Khaf*, toucado usado pelos faraós, com o Ureo, cabeça de serpente.

Da Sala Hipóstila restaram algumas das 48 colunas que suportavam a cobertura, umas de capitéis palmiformes [1B] e outras lotiformes, que ainda exibem vestígios de pintura.

Nas paredes e colunas, ainda são observáveis registos em baixo-relevo da dedicação e parentesco do faraó com os deuses [1C], a pilhagem a uma cidade identificada como Shalem, que poderia ter sido Jerusalém, as festividades em honra a *Min*, deus da fertilidade, e as inscrições com descrições das batalhas contra os Hititas em Kadesh, cerca de 1274 a.C.

O recinto era muralhado e à esquerda dos pilões situava-se o palácio real.



Glyptoteket Museum, 2018 © j.m.russo

[1]



[1A]



[1B]



[1C]

Cronologia

747 a.C. – **XXV Dinastia** (dinastia Núbia), fundada por *Piy*;

656 a.C. – Fim da XXV Dinastia, com *Tamtamani*;

664 a.C. – **XXVI Dinastia** (dinastia Saíta), fundada por *Psamtik I* (ou Psametricus I);

525 a.C. – Fim da XXVI Dinastia, com *Psamtik III* (ou Psametricus III).

A crença na vida após a morte originou na cultura egípcia o cuidado na preparação dos corpos dos defuntos e na sua deposição. Desde a Época Arcaica que a mumificação era praticada com o objectivo de conservar o corpo, técnica que atingiu grande perfeição no Império Novo. A múmia era colocada num **Sarcófago** – a caixa de madeira (**Ataúde**) inicialmente ou de pedra posteriormente – chegando mesmo a várias caixas colocadas uma dentro das outras. Finalmente, o sarcófago era depositado num túmulo com tudo o que era necessário para a “vida” na morte do defundo.

«Sarcófago de Gaut-seshens»

O **sarcófago de Gaut-seshens** [1] foi encontrado na necrópole de Deir-el-Bahari, pertencendo provavelmente a uma princesa da XXV ou XXVI Dinastia.

É um sarcófago antropomórfico de madeira pintada representando o rosto do defunto envolvido por uma cabeleira de onde sobressaem as orelhas e olhos delineados [1A], uma forma de perpetuar a sua imagem no caso do seu corpo se degradar ou ser profanado.

O corpo do sarcófago é decorado na parte superior com o tradicional colar de várias voltas em motivos geométricos seguido da imagem da deusa-céu *Nut*, ajoelhada, de asas de penas e plumas a toda a largura e o seu nome inscrito num disco solar.

Mais abaixo, seguem-se a decoração em cinco faixas historiadas, com cenas fúnebres e textos alusivos à eternidade [prática introduzida no 3º Período Intermediário (1070-664 a.C.), em substituição ou complemento das pinturas ou baixos-relevos das paredes dos túmulos]:

- O *Julgamento do morto* [1B], Anúbis, Hórus e Maat, deusa da verdade, realizam a cerimónia da “pesagem da alma” diante de Osiris – o coração da defunta não poderá pesar mais do que a pluma de avestruz;
- *Horus* [1B], deus dos céus e dos vivos, associado ao renascimento além-túmulo; Anúbis, deus dos mortos e da mumificação, representado nos dois extremos;
- A *Defunta* [1C] no seu leito em forma de leão e quatro vasos com as suas vísceras sob ele.



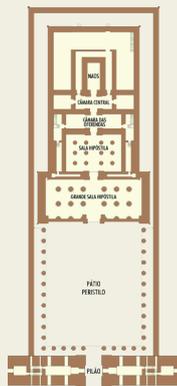
[1]



[1A]



[1B]



[2]



[1C]

Cronologia

303 a.C. – **Dinastia Ptolomaica**, fundada por *Ptolomeu I Soter*;
246 a.C. – 222 a.C. – Reinado de *Ptolomeu III Evergetes* (280-222 a.C.), filho de Ptolomeu II;
170 a.C. – 116 a.C. – Reinado de *Ptolomeu VIII Physcon* (184-116 a.C.), filho de Ptolomeu V;
80 a.C. – 058 a.C. – Reinado de *Ptolomeu XII Auletes* (117-51 a.C.), filho de Ptolomeu IX;
030 a.C. – Fim da Dinastia Ptolomaica com *Ptolomeu XV Caesarion*, filho de Cleópatra VII.

A dinastia Ptolomaica teve origem num general macedónio de *Alexandre*, o Grande, que o nomeou governante do Egípto. Com a sua morte, *Ptolemeios Soter* assume-se como rei do Egípto. Apesar do domínio estrangeiro, os Macedónios respeitaram e absorveram a cultura e a religião egípcia, convertendo Alexandria na capital da cultura helenística.

«Templo de Edfu»

O **Templo de Edfu** [1], cidade do Alto Egípto, foi encontrado soterrado por uma expedição francesa em 1798, tendo o seu excelente estado sido recuperado em 1860 por Auguste Mariette. Sendo o segundo maior templo do Egípto, foi mandado construir por *Ptolomeu III* sobre um anterior templo – de orientação norte-sul [2], compunha-se de Sala Hipóstila [1B], duas Câmaras transversais e a Naos em granito, preservada do antigo templo de *Nectanebo II*, rodeado por capelas. Posteriormente, foram adicionados o Pílo [1], o Pátio peristilo (rodeado de colunas), a Grande Sala Hipóstila [1B] e a muralha que delimita o santuário, dando origem a um deambulatório decorado com gárgulas em forma de cabeça de leão. A sua construção foi dedicada a Horus e Hathor de Dendera no ano de 142 a.C. por *Ptolomeu VIII*, mas apenas concluída no reinado de *Ptolomeu XII*. Nos baixos-relevos inscritos nas paredes do templo encontram-se descrições sobre a língua, os mitos, como o da Ilha da Criação, ou da religião, como o Drama Sagrado relacionado com o conflito entre Hórus e Seth, além de textos detalhados sobre a sua construção e episódios como o Faraó Ptolomeu VIII entre as deusas Wadjet do Baixo Egípto e Nechbet do Alto Egípto [1C]. O templo apresenta semelhanças com o templo de Luxor, no entanto, pode-se observar uma variante, introduzida a partir da XXII dinastia, na existência de uma colonata com paredes até meia altura entre o pátio e a Grande Sala Hipóstila [1A]. Aqui se realizava o festival que celebrava o casamento sagrado de Hórus com Hathor, que todos os anos o visitava, viajando do seu templo em Denderah para Edfu.